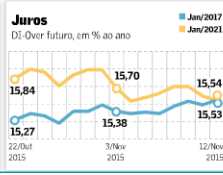


Finanças



Mercados Commodities são destaque negativo no exterior; Ibovespa termina pregão em baixa de 0,4%

Em dia de discurso de Yellen, bolsas caem

Silvia Rosa, Téo Talcar, Aline Cury Zanpieri e José de Castro De São Paulo

As palavras de Janet Yellen eram muito aguardadas pelo mercado ontem. Mas, contrariando as expectativas, a presidente da Federal Reserve (Fed, BC dos EUA) desta vez não deu nenhuma pista sobre o rumo da política monetária. Seu discurso foi mais brando do que o da semana passada, quando Yellen foi taxativa ao dizer que um aumento de juros em dezembro é uma "possibilidade real".

Embora Yellen tenha se esquivado em dar uma perspectiva para a política monetária, os comentários de outras autoridades do Fed ao longo do dia foram interpretados como uma indicação de que o banco central americano pode subir o juro em dezembro. Essa expectativa influenciou principalmente as commodities metálicas e pesou sobre as ações em Wall Street. O outro fechou no nível mais baixo em mais de cinco anos. O contrato para entrega em dezembro teve baixa de 0,4%, a US\$ 1.081 por onça-troy na divi-

são Comex da Bolsa Mercantil de Nova York (Nymex), o menor preço desde fevereiro de 2010.

Os ativos brasileiros acompanharam o comportamento do mercado americano.

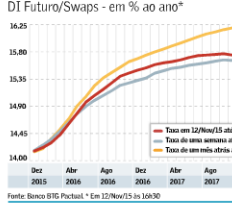
O Ibovespa fechou em baixa de 0,39%, aos 46.883 pontos, com volume de R\$ 5.881 bilhões. Em Nova York, o índice Dow Jones recuou 1,44%, o Nasdaq caiu 1,22% e o S&P 500 perdeu 1,40%.

Investidores da bolsa brasileira aproveitaram a quinta-feira para corrigir parte dos exageros do dia anterior, quando o mercado avançou por conta da possibilidade de troca de comando no Ministério da Fazenda, com a substituição de Joaquim Levy pelo ex-presidente do Banco Central Henrique Meirelles.

Entre as principais ações do Ibovespa, Petrosbras PN perdeu 1,81%, seguida por Vale FNA (-1,02%), Ambev ON (-0,89%), Bradesco PN (-0,05%) e Itaú PN (+0,28%).

As ações da estatal sentiram o recuo dos preços do petróleo no mercado internacional. O barril do tipo WTI recuou 2,8%, para US\$ 41,75, e o Brent perdeu 3,8%, para

Estrutura de juro privado



US\$ 44,06, diante do aumento dos estoques americanos na semana passada. Depois do fechamento do mercado, a Petrosbras informou que registrou prejuízo líquido de R\$ 3,7 bilhões no terceiro trimestre. O número veio pior do que o esperado pelos analistas.

Na Europa, as bolsas também recuaram. O índice Stoxx 600 caiu 1,62%. Em Londres, o FTSE 100 recuou 1,88%. Em Frankfurt, o DAX fechou em baixa de 1,15%, enquanto em Paris, o CAC 40 recuou 1,94%. O setor de commodities foi o

que registrou a maior baixa, com as empresas de matérias-primas caindo 4,2% em média, e as empresas de energia recuando 3,1%. Um dólar forte e preocupações sobre excesso de oferta levaram o cobre ao nível mais baixo em seis anos.

"Combine oferta abundante de uma perspectiva de dólar forte, e os preços das commodities vão sofrer", diz Chris Faulkner MacDonagh, estrategista de mercados globais da Standard Life.

Logo cedo, em depoimento à comissão de assuntos econômicos

e monetários do Parlamento Europeu, o presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi, alertou que os sinais de uma virada sustentada no núcleo da inflação tinham se enfraquecido e reiterou que o banco está olhando para uma "variedade de instrumentos disponíveis para o caso de ser necessário proporcionar mais acomodação".

O alerta de Draghi teve reflexo no euro, que ganhou impulso extra para subir acima de US\$ 1,08 no fim da sessão europeia.

No mercado de câmbio local, depois de atingir a máxima de R\$ 3,8262 na parte da manhã, a moeda americana perdeu força frente ao real após o discurso de Yellen. O dólar encerrou praticamente estável, em leve queda de 0,01%, cotado a R\$ 3,7678.

"A moeda americana subiu na parte da manhã mais pela ausência de vendedores do que por um movimento forte de compra de dólares. Quem tinha dólar para vender acabou esperando o discurso da Yellen para vir a mercado", afirma José Carlos Amado, operador da corretora Spinelli.

O Banco Central ofertou ontem

mais US\$ 500 milhões por meio de dois leilões de linha de dólar com compromisso de recompra. Essa é a quarta oferta por meio de leilões de linha realizada pela autoridade monetária neste mês, que já soma ao todo US\$ 2 bilhões.

O mercado avalia a perspectiva de fluxo de recursos após a aprovação na Câmara do projeto de repatriação de recursos mantidos no exterior que não foram declarados ao Fisco. O governo espera arrecadar entre R\$ 100 bilhões e R\$ 150 bilhões com o projeto, que prevê a anistia de crime de envio ilegal de recursos para o exterior, desde que o dinheiro tenha origem lícita. O projeto segue para o Senado.

O alívio no câmbio no mercado local e na curva de juros dos títulos do Tesouro americano contribuíram para a queda das taxas dos contratos de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2019, especialmente nos vencimentos com prazos mais longos. O DI para janeiro de 2019 caiu de 15,78% a 15,74%, enquanto o DI para 2021 recuou de 15,59% para 15,54%. Já o DI para janeiro de 2017 subiu de 15,47% para 15,53%. (Com agências internacionais)

Fed e BCE estão próximos de adotar políticas monetárias opostas

Robertha Costa De São Paulo



Dudley, do Fed de NY: condições do Fomc para subir juro podem ser satisfetias logo

O rumo da política monetária dos Estados Unidos e da zona do euro deve se tornar de fato divergente em pouco tempo.

Se tudo correr como se espera, e se as objeções da Alemanha não se tornarem impeditivo, o Banco Central Europeu (BCE) vai ampliar o programa de compras de ativos em dezembro, podendo, também, cortar novamente a taxa de depósitos para um terreno ainda mais negativo do que o atual de -0,20%.

Mario Draghi e Janet Yellen falaram ontem em eventos importantes, assim como vários diretores do Fed. Draghi, em discurso no Parlamento Europeu, seguiu o script de sua fala na reunião de política monetária em outubro, dizendo que o BCE reavaliará todos os instrumentos possíveis no próximo encontro, em 8 de dezembro, e que o "QE" "é considerado um instrumento particularmente poderoso e flexível".

"Se fôssemos concluir que o nosso objetivo de estabilidade de preços a médio prazo está em risco, agiríamos utilizando todos os instrumentos disponíveis dentro de nosso mandato para garantir que um grau adequado de acomodação monetária seja mantido", disse ele. Recado: preparam-se.

De certa forma, uma parte do trabalho do BCE está sendo feita pelo mercado. A sempre eficiente fala de Draghi (e a alta do dólar) derretiu o euro em mais de 5% desde meados de outubro, o que, em tese, ajudaria na reação da inflação, que hoje ronda zero, mesmo nível de antes da implementação do "QE" em março.

Há pouco o que duvidar da ne-

cessidade de se fazer mais, embora haja muito o que duvidar a respeito do "timing" em que os efeitos positivos irão aparecer.

Nos Estados Unidos, Yellen não falou objetivamente sobre as possíveis intenções do Fed em sua última reunião do ano, mas as expectativas de aperto em dezembro dificilmente sairão das apostas do mercado. Pelos prêmios embutidos nos Treasuries, há quase 70% de probabilidade de uma alta de 0,25 pontos percentual no mês que vem.

A presidente do Fed, em evento da própria instituição em Washington, referiu-se às medidas não convencionais como "inovadoras" no pós-crise. "O período posterior à crise tem oferecido aos formuladores da política monetária a oportunidade de avaliar uma variedade de políti-

cas inovadoras e questões operacionais associadas a condução da política monetária, bem como a efetividade de diferentes opções de política", diz.

Passado o momento crucial da primeira alta — que muitos suspeitavam que demoraria mais a chegar —, será hora de colocar mais peso na velocidade do ciclo de aperto e nos instrumentos para reduzir o enorme balanço patrimonial do BC americano. São questões nada triviais para o mercado. Não se tem referência histórica para este cenário nos EUA.

Os outros discursos ontem por membros do Fed seguiram a linha das não convencionais com vozes a favor e contra estímulos e uma política monetária mais frígida ou apertada.

O presidente do Fed de St. Louis, James Bullard, disse que o Fed deve se distanciar da políti-

Há duas décadas, BCs divergiam pela última vez

Simon Kennedy Bloomberg

Já se passaram mais de 21 anos desde que o Federal Reserve (BC dos EUA) elevou as taxas de juros pela última vez no mesmo mês em que seu principal par na Europa flexibilizou a política monetária.

O mês foi maio de 1994. Nelson Mandela estava sendo empolgado como primeiro presidente negro da África do Sul e o túnel que liga o Reino Unido à França abria pela primeira vez. "Um Tira da Pesada 3" era lançado nos cinemas e o grupo Crash Test Dummies cantava "Mmm Mmm Mmm".

Ao mesmo tempo, Janet Yellen lecionava na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e estava prestes a se tornar dirigente do Fed. Mario Draghi era um funcionário público com cargo elevado no ministério das Finanças da Itália. Agora, eles administram o Fed e o Banco Central Europeu (BCE), respectivamente.

Faz tanto tempo que nem o euro nem o BCE existiam. A taxa de juros de referência da Europa era estabelecida pelo Bundesbank, da Alemanha.

Naquele mês, o Fed de Alan Greenspan subiu sua taxa de referência de 3,75% para 4,25% para "manter as tendências favoráveis na inflação e, assim, sustentar a expansão econômica".

Enquanto isso, o Bundesbank — conduzido por Hans Tietmeyer — cortou sua taxa de desconto de 5% para 4,5%, para impulsionar a expansão na maior economia da Europa. Ficou por ser dito por ambos os bancos centrais o provável desfecho de um dólar mais forte depois que seu declínio havia começado a perturbar os mercados financeiros.

Avançando para o futuro, uma divisão similar está prestes a ocorrer, pois os investidores preveem que em dezembro o Fed elevará sua taxa referencial, hoje próxima de zero, e o BCE injetará novos estímulos monetários, possivelmente na forma de mais aquisições de ativos ou de uma taxa de depósito mais baixa.

A política do banco central é, atualmente, o principal motor dos mercados, com a divergência de volta à mesa como assunto

principal", disse Jeremy Hale, chefe de estratégia macro do Citigroup em Londres.

Faça paralelos entre o momento atual e 1994 não é algo totalmente justo, escreveram os estrategistas de câmbio do Credit Suisse, Shahab Jalinoos e Matthew Derr, em um relatório a clientes. Naquela época, as taxas da Alemanha estavam sendo reduzidas em relação aos países da expansão pós-unificação e os rendimentos de seus títulos permaneceram mais elevados do que os dos EUA, mesmo com a divisão política.

Contudo, o retorno dos títulos alemães e americanos acabaram convergindo enquanto o Fed e o Bundesbank continuaram percorrendo seus caminhos separados. As taxas sobre os títulos de dez anos do Tesouro dos EUA subiram mais de 200 pontos-base naquele que se tornou conhecido como um "anos horríveis" para os operadores de bônus. Em meados de 1995, o dólar estava subindo.

E então, o que aconteceu desta vez? Hale projetou uma curva de juros mais plana nos EUA à medida que as taxas sobre os títulos do Tesouro de curto prazo subiram em resposta à mudança do Fed. "As ações europeias provavelmente terão um desempenho superior ao das americanas e o dólar ganhará força", disse ele.

Jalinoos e Derr também projetam que o dólar se valorizará e dizem que a moeda poderia eventualmente ser negociada com paridade em relação ao euro. Entre os obstáculos para a previsão, estavam a possibilidade de uma valorização da moeda assistida o Fed ou o adiamento da flexibilização pelo BCE devido a um euro mais fraco.

Quem tem menos certeza a respeito da direção do dólar é Anatole Kaletsky, economista-chefe e copresidente do conselho da consultoria Gavekal Dragonomics. Ele pontua que a história poderia se repetir, já que em 1994 o dólar continuou caindo em relação ao marco alemão, até abril de 1995, quando iniciou um aumento de dois anos. "É claro, o desempenho passado não é garantia de resultados futuros", disse Kaletsky. Só porque o dólar perdeu força em 1994 "não quer dizer que isso ocorrerá novamente". Mas significa que está longe de ser inevitável que o dólar ganhe força, diz.

Agenda

Agricultura
Com o tema "Sociedade Urbana, Economia Rural", o 3º Fórum de Agricultura da América do Sul debaterá o agronegócio globalizado, onde oferta e demanda assumem papel fundamental no desenvolvimento econômico e social, do campo e das cidades.
Data: 13 de novembro
Horário: a partir das 8h
Local: Museu Oscar Niemeyer, R. Marechal Hermes 999, Curitiba/PR
Informações: agroulook.com.br

Liderança feminina
As principais executivas do mercado estarão no Fórum Mulheres em Destaque. O evento terá como tema central o perfil da liderança feminina e suas principais características e desafios.
Data: 24 e 25 de novembro
Horário: 9h às 18 horas
Local: Fecomércio, R. Dr. Plínio Barreto, 285, São Paulo/SP
Informações: forummulheresdestaque.com.br/inscricao
E-mail: agenda@valor.com.br

Agenda
24 e 25 de novembro
Horário: 9h às 18 horas
Local: Fecomércio, R. Dr. Plínio Barreto, 285, São Paulo/SP
Informações: forummulheresdestaque.com.br/inscricao
E-mail: agenda@valor.com.br